

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo Class.: 541

Data: 1 de julho de 1987 Pg.: A-42

'Live Aid' para índios trará grupos do exterior

Da Sucursal do Rio

Stewart Copeland, ex-baterista do Police, tocando com os Paralamas do Sucesso, enquanto nos bastidores, os Smiths se preparam para entrar em cena, acompanhados de Gilberto Gil. Não é miragem nem delírio. Tudo isso poderá acontecer no Brasil — Rio ou São Paulo, o local ainda não foi definido — no dia 19 de setembro, quando estará se realizando em oito pontos do mundo o "Dia do 4º Mundo", uma espécie de "Live Aid" idealizado pelo cineasta francês Jean-Pierre Dutilleux (diretor do documentário "Raoni") para ajudar os índios brasileiros e norte-americanos. Outros concertos com astros da música pop serão realizados nas cidades de São Francisco (costa oeste) e Nova York (costa leste), enquanto na reserva dos índios sioux em Dakota do Norte (EUA) e no Parque Nacional do Xingu (GO) serão realizadas festas indígenas.

"A idéia inicial era chamar a atenção para o problema dos índios aqui e nos Estados Unidos, mas o projeto foi crescendo e se transformou em uma grande festa", diz Christian Dutilleux, 28, irmão do cineasta francês e coordenador do projeto no Brasil. Além dos nomes já confirmados para o concerto no Brasil — Stewart Copeland, Andy Summers (outro ex-Police), UB-40, The Smiths, Gilberto Gil, Egberto



O grupo The Smiths, que confirmou sua vinda ao país para o show no Xingu

Gismonti e Geraldo Azevedo — o coordenador do projeto afirma que há "riscos" de o elenco ser completado com Sting e Bob Dylan. A festa no parque do Xingu terá a presença dos atores Robert de Niro e Marlon Brando, que falarão sobre os índios em depoimentos transmitidos para cerca de sessenta países (previsão

inicial dos organizadores).

O "Dia do 4º Mundo" começa com uma grande festa ritual na tribo dos sioux em Dakota (EUA). Três meninos da tribo vão abrir a costura de uma pele de búfalo, feita há cem anos, e retirar de dentro um cachimbo sagrado. O ritual, previsto no calendário sagrado dos sioux, será

visto, via satélite, pelos índios do Xingu, pelos lapões do norte da Suécia e pelas tribos da Indonésia e da Austrália, que iniciarão então suas festas. Logo a seguir, começam os concertos, completando as cinco horas de programação ao vivo que Dutilleux pretende transmitir ao vivo para todo o mundo.

Tecnologia

Para cuidar da transmissão e edição do programa, o cineasta vai contar com a mesma equipe que cuidou do "Live Aid": quatro caminhões com antenas para captar imagens enviadas por satélite ficarão estacionados no aeroporto de Santa Mônica, em Los Angeles (costa oeste dos EUA). As imagens serão passadas para um estúdio na cidade, onde ficarão as mesas de corte e edição. "Daí, para o mundo", diz Christian Dutilleux.

O coordenador não gosta muito das comparações entre o "dia do 4º Mundo" e o projeto "Live Aid", idealizado por Bob Geldof e que arrecadou cerca de US\$ 60 milhões (cerca de Cz\$ 2,5 bilhões), que deveriam ter sido destinados aos pobres da Etiópia. "O 'Live Aid' foi um grande acontecimento do 'show Business' americano, sem nenhuma participação de artistas africanos. O que nós queremos é mostrar a cultura indígena e por isso eles vão fazer parte dos shows, não só no Brasil, mas também nos Estados

Unidos", diz o coordenador do projeto. Por isso, Dutilleux define o projeto idealizado por seu irmão como "a utilização da tecnologia do branco para divulgar a cultura do índio".

Outra diferença — que Christian Dutilleux considera fundamental — entre os dois projetos é a destinação do dinheiro arrecadado. "O 'Live Aid' não sabia o que fazer com o dinheiro e por isso acabou em confusão, com acusações de desvio de mantimentos", diz. A arrecadação do "Dia do 4º Mundo" será regida por uma comissão, ainda em formação, com apoio da Fundação Cultural Survival, dos Estados Unidos. Dias antes do evento, os membros da comissão divulgarão os critérios para a aplicação dos recursos, que só poderão ser usados em projetos ligados diretamente à comunidade indígena. Outra decisão dos organizadores do evento é de que o dinheiro arrecadado em determinado país só poderá ser aplicado no próprio país.

Christian Dutilleux diz que ainda não tem previsão de quanto poderá ser arrecadado no "dia do 4º Mundo", mas acredita que será menos do que no "Live Aid". Ele afirma, no entanto, que "tudo o que entrar será lucro", já que o grupo está à procura de um patrocinador para o evento. Todos os custos serão pagos por este patrocinador. Os músicos não receberão cachê. "É tudo para os índios", diz.